



## Fotojornalismo policial: uma análise ética a partir da semiótica da cultura<sup>1</sup>

Vanessa Abreu de Oliveira VIEIRA<sup>2</sup>  
Maurício Elias ZOUEIN<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Roraima, UFRR

### RESUMO

Esta pesquisa desenvolve uma discussão, a partir de pesquisas bibliográficas, sobre a Ética Jornalística nas fotografias policiais publicadas nas páginas do Jornal Folha de Boa Vista sob o ponto de vista da semiótica da cultura, desde o princípio da Semiótica, passando pelo método, histórico do periódico e análise da fotografia, levando em conta o descrito no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** ética jornalística; fotojornalismo; semiótica da cultura.

### História: como a Semiótica originou-se

A Semiótica Geral tem início na história da Medicina, entendida como o primeiro estudo diagnóstico dos signos das doenças. No século II, o médico Galeno de Pérgamo (139-199 a.C.) dá origem aos estudos da semiótica médica. No contexto clínico, os signos são todos os sintomas da doença, como afirma Flammarion (apud FIDALGO, 2005, p. 30).

Porém, os estudos e reflexões sobre o signo e a significação tem origem na Grécia, com Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), os estóicos e os epicuristas. Para Platão, o signo tem uma estrutura triádica, formada pelo nome, *ónoma*, *nómos*, a ideia ou noção, *eídos*, *logos*, *dianóema* e a coisa, *prágma*, *ousía*, à qual o signo se refere.

Conforme Platão, as ideias são entidades objetivas que existem em nossa mente e possuem realidade em uma esfera espiritual além do indivíduo. O filósofo investigou também a relação entre o nome, a ideia e a coisa e chegou às seguintes conclusões:

- 1) signos verbais, naturais, assim como convencionais são só representações incompletas da verdadeira natureza das coisas;
- 2) o estudo das palavras não revela nada sobre a verdadeira natureza das coisas porque a esfera das ideias é independente das representações na forma de palavras; e

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Junior – XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Aluna pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Semiótica na Amazônia (NUPS/UFRR). E-mail: vanessa.aovieira@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador. Professor efetivo do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenador no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS/UFRR). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Cultura e Tecnologia (LCT/NUPS/UFRR). E-mail: mauriciozouein@gmail.com



3) cognições concebidas por meio de signos são apreensões indiretas e, por este motivo, inferiores às cognições diretas (NÖTH, 2003, p. 28)

Assim, segundo Platão, a verdade que se exprime através de palavras, mesmo que estas sejam semelhantes às coisas a que se referem, sempre será inferior ao conhecimento direto das coisas.

De acordo com Fidalgo (2005), Aristóteles resolve o questionamento de Platão definindo o nome como som vocal que possui uma significação convencional, sem referência ao tempo e do qual nenhuma parte possui significação quando tomada de forma separada.

Para Aristóteles, assim como para Platão, a estrutura do signo é formada por três elementos. São eles: símbolo, o *symbolon*; afecções da alma, a *pathémata*; e retratos das coisas, a *prágmata*.

Mas cabe aos estóicos<sup>4</sup>, de acordo com Fidalgo (2005), o mérito da criação da mais elaborada teoria da significação da Antiguidade. Para eles, o signo consiste em três elementos básicos: o significante, a entidade percebida como signo, o *semaínon*, a significação ou o significado, o *semainómenon* ou *lékton*, e o objeto ao qual o signo se refere, *tychánon*. Enquanto o significante e o objeto são entidades materiais, o significado é uma entidade ideal, segundo Nöth (2003).

Indo de encontro a Platão, Aristóteles e aos estóicos, os epicuristas<sup>5</sup> desenvolveram um modelo diádico para o signo, que era composto pelo significante (*semaínon*) e pelo objeto referido (*tychánon*). O *lékton*, significado imaterial da escola estóica, não é reconhecido pelos epicuristas.

Aurélio Agostinho (354-430), por sua vez, concordou com os epicuristas em alguns aspectos e com os estóicos em outros, principalmente, no que tange a interferência mental no processo de semiose. “O signo é, portanto, uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si mesmo.” (AGOSTINHO *apud* NÖTH, 2003, p. 32).

Os signos, para Agostinho, dividem-se em convencionais e naturais, sendo, no primeiro caso, aqueles instituídos pelo homem e, no segundo caso, são os que involuntariamente significam.

Na Idade Média, a semiótica desenvolveu-se nas escolas universitárias e no âmbito teológico, dando origem a escolástica. Roger Bacon (1215-1294), John Duns Scot (1270-1308) e William de Ockham (1290-1349) foram semioticistas escolásticos importantes, que

---

<sup>4</sup> Escola filosófica helenística fundada em Atenas em 300 a.C.

<sup>5</sup> Sistema filosófico ensinado por Epicuro de Samos por volta de 300 a.C.



debatiam temas como as doutrinas do realismo e do nominalismo, das suposições e dos modos de significação.

Mas foi João de São Tomás (1589-1644), também conhecido como Jean Poinsoot, o grande nome da época. Segundo o filósofo português, “todos os instrumentos dos quais nos servimos para a cognição e para falar são signos” (NÖTH, 2003, p. 36). Assim, João de São Tomás define o signo como instrumento, mas não apenas de comunicação, também de cognição.

Nos séculos XVII e XVIII, a semiótica é debatida por três correntes filosóficas, o racionalismo, o empirismo e o iluminismo. Tendo a primeira representantes como Antoine Arnauld, Claude Lancelot e Pierre Nicole, que definiram signo como aquilo que “compreende duas ideias – uma é ideia da coisa que representa, e outra, a ideia da coisa representada – e a natureza do signo consiste em excitar a segunda pela primeira” (NÖTH, 2003, p. 41).

Passando por G. W. Leibniz (1646-1716) e Francis Bacon (1561-1626), a semiótica é encontrada nas obras dos filósofos Thomas Hobbes (1588-1679), George Berkeley (1685-1753) e David Hume, mas é John Locke (1632-1704) o representante principal do empirismo britânico.

Para o filósofo inglês, as ciências são divididas em três partes: a Física ou Filosofia Natural, a Ética e a Semiótica ou Lógica, entendida como a doutrina dos sinais, os quais o homem usa para compreender as coisas ou comunicá-lo, como afirma Fidalgo (2005).

No iluminismo francês, os filósofos, principalmente Etienne Bonnot de Condillac (1715-1780), desenvolveram uma forma de empirismo conhecida como sensualismo, em que “o uso dos signos é o princípio que revela a fonte de todas as nossas ideias” (CONDILLAC *apud* NÖTH, 2003, p. 48).

Condillac divide o signo em três categorias: os acidentais, que estabelecem conexões entre objetos e as ideias por meio de circunstâncias aleatórias; naturais, que são os signos que a natureza estabelece; e por instituição, signos escolhidos pelo homem que têm ligação arbitrária às ideias que representam.

No iluminismo alemão, cujo principal nome é Johann Heinrich Lambert (1728-1777), o tema típico da semiótica é o papel dos signos na clarificação das ideias obscuras. Diferente dos demais estudiosos, Lambert dividia os signos em quatro tipos: naturais, arbitrários, meras imitações e representações (icônicas).

O pouco de semiótica que se tem notícia no século XIX é por meio do romantismo. Para o filósofo G. W. Hegel (1770-1831), o signo é “uma percepção imediata que representa



um conteúdo bem diferente daquele que tem em si mesmo” (HEGEL *apud* NÖTH, 2003, p. 56).

Wilhelm von Humboldt (1767-1835), filósofo alemão, via na linguagem três propósitos: facilidade de comunicação, evocar e dar expressão aos sentimentos e influenciar a criatividade ao dar forma às ideias. Assim, Humboldt é o principal nome da semiótica da linguagem.

A virada do século revelou os trabalhos do americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e do suíço radicalizado na França Ferdinand de Saussure (1857-1913). A partir deles, a semiótica tornou-se uma disciplina autônoma, afastando o desinteresse no qual o tema caiu nos anos anteriores.

O conceito de signo, para Peirce, é:

tudo aquilo que nos chega da realidade, que nos é dado perceber e que, portanto, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela, uma parte ou uma dimensão que representa o todo, na impossibilidade de que ele apareça em sua plenitude (IASBECK, 2005, p. 194).

Simplificando, o signo é o sinal da realidade, quer dizer algo, tem um significado e, como tudo tem um significado, tudo é signo. Ainda no início do século XX, pesquisadores russos chegaram ao conceito de texto, como um conjunto composto do fundamento do signo, das marcas que ele carrega do objeto que representa. Esta escola semiótica será aprofundada a seguir.

### **Semiótica como método**

O conjunto das investigações empreendidas pelos russos, no campo das artes e das ciências, para compreender a linguagem como problema semiótico (...) firmou uma matriz de pensamento fundador de um campo de investigação radicalmente promissor: a *semiótica da cultura* (MACHADO, 2003, p. 25).

A semiótica da cultura é, então, um campo conceitual formado por pesquisadores que estudam a linguagem na cultura, que tem por definição: “o conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem” (LOTMAN, 2010, p. 31).

Qualquer cultura pode ser caracterizada em três níveis:

Como uma sociedade, isto é, um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais específicas (cultura social); como uma



civilização, isto é, um conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade (cultura material); e como uma mentalidade (um sistema de valores e ideias morais e costumes), isto é, um conjunto de *mentefactos* que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos (cultura mental) (POSNER, 1995, p. 37).

Logo, são usuários do signo a sociedade como um todo, seus membros individuais e suas instituições, que, nesse caso, são concebidas como corpos unificados. Os artefatos de uma cultura, que desempenham certo papel na cultura e a significam através de sua aparência exterior, são signos para os membros de determinada cultura social. Os *mentefactos*, que podem ser considerados como os significados de significantes e significados, desempenham um papel em alguma convenção daquela cultura. Sendo assim, a cultura mental de uma sociedade é um conjunto de códigos aplicados por ela.

A sociedade pode ser definida como um conjunto de usuários de signos (pessoas), a civilização como um conjunto de signos e a mentalidade como um conjunto de códigos. Uma cultura pode ser exemplificada em uma semiosfera, que é composta por um conjunto de esferas, que podem ser classificadas em quatro diferentes áreas:

A extracultural, que repousa além do horizonte mental de uma sociedade porque é completamente desconhecida de seus membros; a não-cultural, que é conhecida dos membros de uma sociedade mas considerada como ‘oposta’ à sua própria cultura; o culturalmente periférico, que os membros de uma sociedade consideram como parte de sua própria cultura, embora não como a parte central; e o culturalmente central, que é usado pelos membros de uma sociedade para definir sua própria identidade (POSNER, 1995, p. 39).

Tudo aquilo que é desconhecido pela sociedade é extracultural; a não-cultura é conhecida pela sociedade, porém, vai de encontro às regras impostas; o culturalmente periférico faz parte da cultura da sociedade, mas não a define, diferentemente do culturalmente central, que dá identidade àquela sociedade. Baseada nas esferas culturais, a mudança cultural pode acontecer de três maneiras:

O limite entre o que é extracultural e o não-cultural para uma sociedade pode ser deslocado; o limite entre o que a sociedade considera como cultura *versus* o não-cultural pode ser deslocado; e o limite entre o que é periférico e o que é central para a concepção que a sociedade tem de si própria pode ser deslocado (POSNER, 1995, p. 40).

Isto evidencia os processos de semiotização e dessemiotização. O primeiro ocorre quando um código tende a ocupar uma posição central. O segundo, porém, ocorre quando um



código tende a afastar-se da centralidade. É importante ressaltar que uma vez dentro da semiosfera, um código nos volta a ser extracultura, por mais marginalizado que esteja.

### **Folha de Boa Vista: três décadas de história**

A primeira edição do Jornal Folha de Boa Vista chegou às bancas em 21 de outubro de 1983 (SILVA, 2010, p. 145). O periódico semanal, idealizado por um grupo de jornalistas, era impresso em Manaus e, após seis meses, passou a ser impresso em Roraima. Os dirigentes do jornal passaram por muitas dificuldades financeiras. Em 1988, Getúlio Cruz, ex-governador de Roraima e proprietário do jornal, foi convencido a não fechá-lo. A estabilidade financeira do periódico foi resultado do caráter familiar atribuído à empresa, que conquistou a sociedade e consolidou-se no mercado.

O Grupo Folha de Comunicação, ainda sob administração da família Cruz, possui, além do jornal impresso, a Rádio AM Folha, o site Folha Web, a Editora Boa Vista e a papelaria Papel Jornal. A tiragem diária do jornal é de 12 mil exemplares<sup>6</sup> distribuídos nos quinze municípios roraimenses.

### **Fotojornalismo e Ética Jornalística**

O fotojornalismo pode abranger, segundo Sousa (2002), as fotografias de notícias, fotografias de grandes projetos documentais, ilustrações fotográficas, entre outras. Sendo finalidade do fotojornalismo informar, contextualizar e esclarecer pontos de vista através da fotografia.

De acordo com Pena (2005), as fotografias são usadas para facilitar a transmissão da informação, pois o recurso visual pode atingir os leitores de maneira tão ou ainda mais intensa que o próprio texto escrito. Assim, as fotografias devem ter um caráter de acréscimo à notícia textual e não mera ilustração para encher páginas dos jornais.

Sabendo da importância da fotografia, editores de jornais a utilizam para chamar atenção de leitores. Por exemplo, publicando imagens chocantes, em que sexo, sangue e violência transformam o público em potencial consumidor. Seja no texto ou na imagem, abordar assuntos relacionados à violência demanda certos cuidados.

---

<sup>6</sup> MENEZES, Simone. Visita Técnica ao Parque Gráfico do jornal Folha de Boa Vista. Boa Vista, 26 ago. 2011. Entrevista concedida à Vanessa Abreu de Oliveira Vieira.

Este é o caso da fotografia publicada juntamente à matéria “NO CANTÁ: homem morto a facadas é encontrado nu”, do jornal Folha de Boa Vista de 9 e 10 de fevereiro de 2013, em que mostra o corpo da vítima despido no chão enquanto policiais fazem a perícia no local do crime. A fotografia (figura 1) é preta e branca e tanto algumas partes do corpo da vítima quanto o rosto dos policiais foram cobertos.

Figura 1 - o corpo do desconhecido foi encontrado de bruços em uma vicinal



Fonte: [http://www.folhabv.com.br/Noticia\\_Impressa.php?id=145969](http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=145969)

### **Análise a partir da semiótica da cultura**

A fotografia foi analisada seguindo os conceitos da escola semiótica da cultura, em que qualquer cultura pode ser caracterizada, segundo Posner (1995), em três níveis: social, mental e material.

No primeiro nível, a cultura social **jornalistas**<sup>7</sup> faz parte de contextos social, cultural e econômico que divergem, colidem e, poucas vezes, se encontram no que diz respeito às matérias policiais. Esse contexto também sofre interferências políticas quando a exigência do diploma é revogada.

Ainda dentro da cultura social, temos dentro dos gêneros jornalísticos o Jornalismo policial, o qual o nosso trabalho se pauta. Essa especificidade conduz o jornalista a ter em suas fontes pessoas que tratam com a violência diária direta ou indiretamente. Então podemos supor que dentro da semiosfera em que trabalhamos o jornalismo policial a influência das culturas sociais periféricas ao jornalista é de fundamental importância, levando em consideração o valor das informações referentes ao fato e não o meio e nem o valor signico da fonte, ou melhor, de um bandido de quem se pode tirar uma informação de qualidade.

---

<sup>7</sup> Grifo da autora.

### Semiosfera 1 - Cultura Social: Jornalistas



A matéria objeto deste artigo foi produzida dentro da cultura social município do Cantá<sup>8</sup>, quando há o encontro das culturas sociais jornalista policial e policiais civis, há uma intersecção gerada pelo encontro de um cadáver. Na cultura social do município do Cantá, não houve o reconhecimento do corpo, dificultando tanto a ação da polícia quanto a redação do jornalista.

No segundo nível, a cultura mental dos jornalistas tem como cultura central a ética e a responsabilidade social. O registro profissional de jornalista na Delegacia Regional do Trabalho (RP-DRT) é um artefato, ou seja, cultura material, que conduz ao *mentefacto* os valores ética e responsabilidade social, que muitas vezes são tratados como sinônimo de um jornalista profissional.

### Semiosfera 2 – Cultura Mental: Jornalistas



---

<sup>8</sup> Município localizado a noroeste de Boa Vista, capital de Roraima.

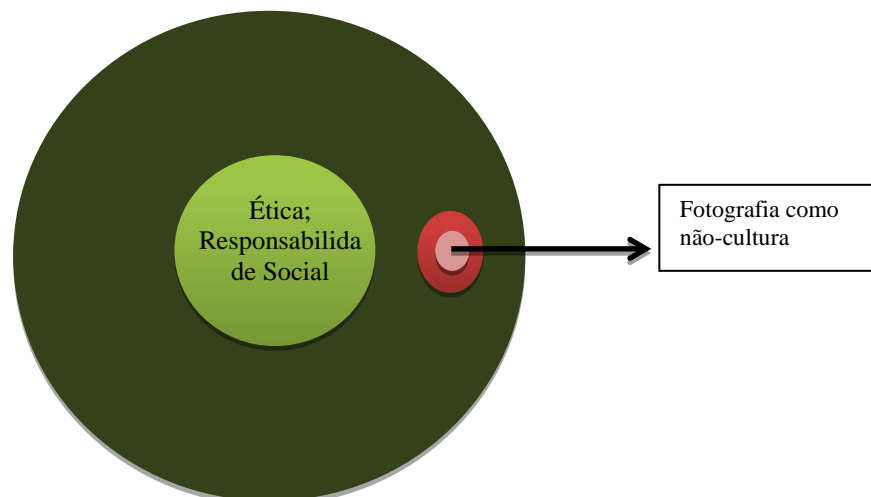


De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), é dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão (inciso VIII do artigo 6º). O jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes (inciso II do artigo 11). A fotografia analisada, que mostra o corpo despido de um homem, vai de encontro ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Neste momento, é que nossa análise ganha vigor. Primeiro, o jornalista responsável pela matéria não é formado, o que não o redime do desconhecimento do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Segundo, se um jornalista profissional, pois possui carteira assinada, foi contratado para exercer uma função sem ter a formação apropriada, isso gera um conflito entre a qualidade do material jornalístico e a credibilidade do veículo de comunicação pelos leitores.

A partir daí, pensamos que: a matéria jornalística como um artefato, ou seja, cultura material, mais as culturas sociais envolvidas e já citadas geram *mentefactos* que podem semiotizar a função desse jornalista, ou seja, dando credibilidade a ele. E também dessemiotizar a qualidade do ser<sup>9</sup> jornalista, pois assume-se que para ser jornalista não é preciso nem de fato nem tão pouco de direito do diploma.

#### Semiosfera 2 – Cultura Mental: Jornalistas



Continuando com o mesmo raciocínio, a fotografia passa a ser não-cultura por vários aspectos. Primeiro, faz parte de um processo não reconhecido pela representação máxima da profissão, ou seja, da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Segundo, é não-cultura

<sup>9</sup> Grifo da autora.



pelo conteúdo exposto que vai de encontro ao que se coloca o Código de Ética dos Jornalsitas Brasileiros. Terceiro, criando uma situação que vulgariza o corpo humano, vai também de encontro aos valores morais, culturais e políticos da sociedade.

É importante reconhecer que a massificação, a divulgação sistemática desse tipo de Jornalismo faz com que os consumidores da notícia, cada vez mais, criem *mentefactos* estereotipando a profissão e, o pior de tudo, desrespeitando a condição de ser humano e de cidadão.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Código de Ética dos Jornalistas brasileiros**. 2007. Disponível em:  
<http://www.fenaj.org.br/cometica.php>

FIDALGO, António. GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. Portugal: UBI, 2005.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 193-205.

**JORNAL FOLHA DE BOA VISTA**. Boa Vista: n. 6.863, fev. 2013.

LOTMAN, I. M. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris. (org.). **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 31-41.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica. A Experiência da Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

MENEZES, Simone. **Visita Técnica ao Parque Gráfico do jornal Folha de Boa Vista**. Boa Vista, 26 ago. 2011. Entrevista concedida à Vanessa Abreu de Oliveira Vieira.

NÖTH, Winfred. **Panorama da Semiótica. De Platão a Peirce**. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria da Comunicação – conceitos, mídias e profissões**. Rio de Janeiro: Rio, 2005.

POSNER, Roland. O Mecanismo Semiótico da Cultura. In: RECTOR, Mônica. NEIVA, Eduardo. (Orgs.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Paulo Sérgio Rodrigues da. Uma breve análise histórica do Jornal Folha de Boa Vista e suas influências políticas e ideológicas. In: **NORTE CIENTÍFICO**. v.5, n.1, dez 2010, Boa Vista: IFRR, 2010

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: s.ed., 2002.